# Quebrar a tradição

Ninguém previa uma coisa destas!

Ninguém achava possível que a mãe estivesse a falar a sério e fizesse greve.

E tudo começou de forma inocente na tarde do primeiro domingo do Advento.

A mãe estava a fazer uma lista das pessoas a quem queria escrever nesse ano. O pai, entregue ao seu passatempo favorito, cozinhava. Mimo, o meu irmão mais novo, estava a pintar uma carta. Era segredo absoluto, como fez questão de sublinhar, mas ia dizendo o texto a meia-voz "Querido Menino Jesus…"; e eu estava a tocar no piano algumas músicas de Natal, porque a avó iria aparecer a qualquer momento e haveria uma pequena celebração do Advento.

Mas depois…

— Onde é que está o Boris? — pergunta Mimo de repente.

— O preguiçoso está a dormir — diz a mãe.

Pela voz, nota-se que está mesmo zangada. Boris é o nosso irmão mais velho, de quase dezassete anos, bastante descontrolado e sempre em conflito com os pais — principalmente por causa da queda dele para cortes de cabelo esquisitos: iroquês no verão, tranças rasta no outono. E agora, cabeça rapada.

Lá vem ele. Magro e pálido. Queixa-se de uma dor de cabeça e pede uma aspirina à mãe.

— Coitado do Boris! — diz Mimo, cheio de pena.

Desce da cadeira e conduz Boris ao sofá como se estivesse gravemente doente.

— Põe-te à vontade!

Mimo trata Boris como um deus e faria tudo para lhe tirar as dores. Mesmo tendo-lhe Boris posto o novo nome, Mimo, abreviatura de Mini-Monstro. Mas isso não lhe retira o amor que tem por ele, antes pelo contrário. Agora só quer que o tratem por MIMO e já não reage ao nome verdadeiro, Manuel.

A mãe vai buscar um copo com água e dissolve uma aspirina.

— Uma coisa te digo, Boris! Se voltas a tirar-me da cama à meia-noite ao tocar à campainha, só porque te esqueceste da chave…

— Eu abro-te a porta — segreda-lhe Mimo.

— Eu queria acordar o pai e deixar-te dormir! — defende-se Boris.

— Ai, mas que delicado! Até me vêm as lágrimas aos olhos! — exclama a mãe. — Sabes muito bem que nem o estrondo da tua aparelhagem acorda o teu pai.

E falando dele… O pai mete a cabeça na porta e diz:

— Ainda preciso de algumas prendas para os meus colegas — diz à mãe. — Tratas disso, querida? A festa de Natal é lá para o final da semana.

Reparou agora em Boris.

— Ah, o senhor nosso filho também já se levantou? — A voz do pai adquiriu um tom perigoso. — Põe rapidamente um gorro na cabeça antes que a avó chegue. Não vejo interesse em falar com ela sobre a tua cabeça rapada.

Boris lança um olhar ao pai. Mudo e sofredor. Tira o gorro de Natal do saco e põe-no na cabeça.

— Contente? — pergunta.

O pai murmura qualquer coisa entre dentes e retira-se para a cozinha.

Mimo canta com a sua voz aguda:

"É Natal, é Natal…", e eu acompanho-o ao piano.

Tocam à campainha. Boris endireita-se.

— Deve ser a avó! Anda, Mimo! — e voam os dois em direção à porta, comigo nos calcanhares.

— Olá, avó! — Tiramos-lhe o casaco e o chapéu. Recusa passar-nos para as mãos a coroa do Advento que, como todos os anos, traz. Quer ser ela a levá-la para a sala.

O jantar decorre sem grande turbulência. Falo da nossa peça de Natal, onde faço de anjo.

— E eu vou fazer de pastor! — diz a cacarejar Mimo, radiante.

— E eu faço de Menino Jesus — graceja Boris.

— Boris! — ralha o pai, fixando-o com um olhar severo.

— Estava só a brincar! — murmura Boris.

— Podes fazer de burro — digo eu ironicamente. Não gosto quando ele começa a fazer troça do nosso teatro.

— Meninos, meninos, não vão discutir! — a avó tenta apaziguar-nos. Não é nenhuma discussão. Só que, quando se trata de Boris, não gosto de dar o braço a torcer.

Depois da refeição, o pai acende a primeira vela da coroa. Eu toco algumas canções de Natal e os outros cantam. A mãe com voz rouca de soprano, Mimo com voz aguda e

desafinada, Boris em silêncio, a abrir e a fechar a boca como um peixe. E o pai canta o refrão. Comovida, a avó não pronuncia palavra. Em seguida, queixa-se do que ainda tem para fazer e pede à mãe para resolver umas coisas por ela. Só algumas prendas. E alguns bolinhos de Natal. E enfeites novos para o pinheiro. E ainda uns poucos de postais da UNICEF para as quatro irmãs. Pede-lhe só que os escreva, que ela assina depois.

A mãe já está a arfar.

— O Felisberto é que podia ocupar-se do correio! — diz ela, deitando ao pai um olhar provocador.

— Oh, querida, o Felisberto já está cheio de trabalho até às pontas dos cabelos! — a avó defende o filho. — Além disso, a tua letra é mais bonita e também tens mais tempo.

— A tua mãe parece mesmo acreditar que eu não tenho mais nada que fazer!

A mãe desabafa a sua fúria depois de a avó ter ido embora.

— Ó querida, ela não faz por mal! Às vezes é muita coisa para ela, principalmente agora, por altura do Natal.

— Bom, eu agora tenho de ir! — diz Boris, tirando o gorro da cabeça. — Acho este espalhafato todo do Natal uma palhaçada.

— Palhaçada? — diz a mãe, arrastando a palavra, como se fosse um eco.

Boris já está fora da porta, mas volta outra vez.

— A propósito, posso ir a uma festa no dia de Natal?

— Mas no dia de Natal vamos todos a casa do tio Fernando! — objeta o pai. — Já é tradição juntarmo-nos todos em casa dele.

— E quem é que precisa de tradição? — riposta Boris secamente. — Sempre as mesmas conversas, sempre as mesmas coisas. É mesmo uma palhaçada.

Faz menção de sair da sala, mas a mãe detém-no.

— Um momento, Boris! — diz ela e, de repente, parece ficar muito pensativa. — Talvez tenhas razão! Talvez já não haja nada de autêntico por detrás daquilo a que chamamos tradição e que para ti não passa de espalhafato. Se assim é, devíamos acabar com estas coisas todas.

Boris fica de boca aberta.

— Não há árvore de Natal? Não há visitas à família?

— Exatamente.

— Ei, fixe! — Boris está impressionado. — Mesmo fixe! Tenho de contar aos meus colegas.

— Não há carpa pelo Natal? — pergunta Mimo, esperançado, já que detesta peixe.

— Fixe! — diz Mimo impressionado. — Mesmo fiiixe. Tenho de contar aos meninos do infantário!

— Natal sem árvore nem carpa? — diz o pai, consternado. — Queres quebrar a tradição? Não podemos fazer uma coisa destas à minha mãe!

— Mas também é tradição que seja *eu* sozinha a resolver tudo — diz a mãe. — Todos os anos há sempre coisas e mais coisas para fazer e ninguém ajuda. Só sabem exigir. E o Natal é muito mais do que isso!

Ficamos em silêncio, embaraçados. O pai, Boris e eu. Mudos e quedos. Só Mimo é que se endireita de repente e, no silêncio geral, diz as palavras do anjo

*"Olhai, anuncio-vos uma grande alegria…"*

*

A terceira semana do Advento está quase a começar e a mãe falava mesmo a sério. Nada fez no que respeita aos preparativos de Natal.

— Não há *stress*! Não há frenesim! — não para de repetir. — Como eu aprecio isto!

E por causa disso andamos nós em *stress*.

O pai, Boris, e eu.

O pai teve de arranjar ele mesmo as prendas para os colegas, despachar o nosso correio de Natal e o da avó, e prometeu tratar da árvore de Natal. Porque, sem árvore, não é possível! Sem bolinhos de Natal também não. Até Boris concorda.

— Sem tradição nenhuma é que é uma palhaçada! — diz ele.

E como o pai me explicou uma vez que um bom "patrão" deve saber delegar, assumi eu o comando da crise. Incumbi Boris de adular as nossas tias, que adoram cozinhar, e de lhes pedir uma doação generosa de todo o tipo de bolinhos. Se ele souber lançar-lhes o seu charme, de certeza que vai ter bons resultados!

Como já conheço os esquecimentos do meu pai, vou, por precaução, telefonar ao meu padrinho e pedir-lhe uma árvore de Natal. Se estiver mal de finanças, posso ainda perguntar ao chefe dos empregados da escola se me deixa ficar com a árvore que está no centro do pavilhão polivalente. Depois das férias, devolvia-lha, sem falta...

Continuo sem saber de cor o meu papel para o teatro de Natal.

Em compensação, sabe-o Mimo do princípio ao fim.

Talvez delegue nele o meu papel. Também tem de haver anjos pequeninos!

Gerda Anger-Schmidt

Brita Groiß; Gudrun Likar
*Weihnachten ganz Wunderbar: ein literarischer Adventskalender*
Wien: Ueberreuter, 2001
(Tradução e adaptação)